

O GÊNERO TEXTUAL REPORTAGEM E SUA APLICAÇÃO NO ENSINO DA LEITURA E ESCRITA

Vanilda Salton Köche^{*}
Adiane Fogali Marinello^{**}

RESUMO: Este artigo discute o gênero textual reportagem, sua definição, características e estrutura, e sua aplicação no ensino de leitura e escrita. O trabalho é um recorte da pesquisa-ensino “O ensino da leitura e escrita a partir dos gêneros textuais”, desenvolvida na Universidade de Caxias do Sul/CARVI. A pesquisa apresenta um enfoque qualitativo-interpretativo e de aplicação didático-pedagógica. Fundamentam este artigo os PCNs (1998) e os autores Bakhtin (1992), Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), Kato (1990), Garcia-Debanc (1986), Koch (1993), Kaufman e Rodríguez (1995), Bahia (1990), Guedes (1994), Lage (1987), Petitjean (1994) e Dell’Isola (2007).

PALAVRAS-CHAVE: gênero textual; reportagem; leitura e produção textual.

ABSTRACT: This paper discusses report text genre, its definition, characteristics and structure, and its application in teaching reading and writing. This study is part of teaching research called “The teaching of reading and writing from textual genres”, developed at the University of Caxias do Sul/CARVI. The research presents a qualitative-interpretive approach, with didactic and pedagogic application. Its use improved students reading and writing skills. This article is based on the PCNs (1998) and the authors Bakhtin (1992), Dolz, Noverraz and Schneuwly (2004), Kato (1990), Garcia-Debanc (1986), Koch (1993), Kaufman and Rodríguez (1995), Bahia (1990), Guedes (1994), Lage (1987), Petitjean (1994) and Dell’Isola (2007).

KEYWORDS: textual genre; report, reading and textual production.

INTRODUÇÃO

As competências de leitura e escrita são ferramentas básicas para que o aluno se aproprie de conhecimentos em todas as áreas do saber.

^{*} Mestre em Estudos de Linguagem pela UFRGS. Professora da Universidade de Caxias do Sul – CARVI. É coautora dos livros “Prática textual: atividades de leitura e escrita” e “Leitura e produção textual: gêneros textuais do argumentar e expor”, editados pela Vozes. Coordena pesquisa voltada para o ensino da leitura e escrita dos gêneros textuais.

^{**} Mestre em Letras e Cultura Regional pela UCS. Professora da Universidade de Caxias do Sul – CARVI. É coautora do livro “Leitura e produção textual: gêneros textuais do argumentar e expor”, editado pela Vozes. Participa de pesquisa voltada para o ensino da leitura e escrita dos gêneros textuais.

Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais assumem a concepção de linguagem como processo de interlocução que se concretiza através dos gêneros textuais. Segundo o documento, interagir por meio da linguagem significa efetuar uma atividade discursiva: dizer algo a alguém, de uma determinada forma, num certo contexto e em circunstâncias de interlocução específicas (1998, p. 20-21). Assim, os gêneros textuais resultam das escolhas feitas pelo produtor do texto, decorrentes da situação comunicativa em que a interlocução acontece.

O trabalho centrado nos gêneros surge como alternativa para um ensino de língua mais eficiente, e busca desenvolver a competência discursiva do educando, tanto na oralidade quanto na escrita. Com isso, planejar e desenvolver aulas de Língua Portuguesa tornou-se um desafio para o professor. Cabe a ele tomar decisões quanto ao que ensinar e como ensinar, a fim de cooperar para que o estudante alcance um domínio mais amplo da língua e saiba como interagir nas diferentes situações comunicativas.

Este artigo objetiva abordar a reportagem enquanto gênero textual. É importante analisar esse gênero em virtude de sua relevância social e por fazer parte das situações de interlocução com as quais o educando interage. Neste texto, apresenta-se e caracteriza-se a reportagem e sugere-se uma sequência didática que explora a leitura e a escrita do gênero em questão. Fundamentam este trabalho os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) e os autores Bakhtin (1992), Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), Kato (1990), Garcia-Debanc (1986), Koch (1993), Kaufman e Rodríguez (1995), Bahia (1990), Guedes (1994), Lage (1987), Petitjean (1994) e Dell'Isola (2007).

O GÊNERO TEXTUAL REPORTAGEM

Através da linguagem, o ser humano estabelece relações interpessoais, expressa suas ideias, emoções, pensamentos e objetivos, e exerce influência sobre outros indivíduos. Para isso, o usuário da língua produz enunciados que se concretizam por meio de gêneros textuais.

Conforme Bakhtin, os gêneros do discurso são tipos *relativamente estáveis* de enunciados, produzidos pelas mais diversas esferas da atividade humana (1992, p. 279). São *relativamente estáveis*, pois podem sofrer modificações conforme a situação comunicativa em que são empregados.

O gênero textual reportagem informa sobre determinado fato atual de interesse do leitor a que se destina o jornal ou a revista, impressos ou *on-line*, e acresce diferentes opiniões e versões. De acordo com Lage, a reportagem é um “gênero jornalístico que consiste no levantamento de assuntos para contar uma história verdadeira, expor uma situação ou

interpretar fatos” (1987, p. 61).

O produtor da reportagem pode fazer uso de depoimentos, pontos de vista, entrevistas, boxes e dados estatísticos. Segundo Kaufman e Rodríguez, a trama conversacional que se desenvolve entre o repórter e as personagens valida os fatos (1995, p. 28). O assunto focado não necessita ser um fato novo.

O repórter não só narra o que ocorreu, mas também se envolve nesse ato, apresentando sua própria observação dos eventos; mostra as causas e a origem dos fatos e oferece uma explicação para sua ocorrência. A boa reportagem expõe pelo menos duas perspectivas, uma pró e outra contra, que servem de mediação entre os fatos e o leitor.

Esse gênero textual utiliza uma linguagem comum, impessoal, objetiva e direta, o que facilita a interação com o interlocutor. É comum o jornalista servir-se, muito mais do que na notícia, da intercalação do discurso indireto com o direto; faz isso com o objetivo de registrar as diferentes posições dos sujeitos envolvidos nos fatos de maneira mais atraente do que se apresentasse apenas a informação meramente técnica.

A reportagem não possui uma estrutura rígida. Mas, para fins didáticos, pode apresentar as seguintes partes:

a) título: anuncia o fato abordado. Segundo Koch, o título de gêneros jornalísticos possui, na maioria dos casos, o verbo no presente. Para ela, é a partir do título que se fará o comentário, solicitando a atenção do leitor (1993, p. 39);

b) subtítulo: busca atrair o interesse para o assunto que será focado; o subtítulo não é obrigatório;

c) resumo da matéria ou *lead*: normalmente, consta no primeiro parágrafo da reportagem, e apresenta o aspecto mais importante do assunto abordado;

d) corpo: coloca os esclarecimentos, os acréscimos e as discussões em nível mais amplo;

e) ideia-síntese: retoma os aspectos essenciais do fato relatado, e, geralmente, aparece no último parágrafo.

Muitas vezes, a reportagem resulta em uma narração mais extensa, devido à participação de repórteres ou enviados especiais em eventos. Quando o texto é mais longo, a assinatura pelo jornalista gera maior subjetividade. Os registros fotográficos podem complementar esse gênero, pois é a imagem que dá veracidade à matéria, provando o registro *in loco*.

Segundo Bahia, a reportagem se diferencia da notícia nos seguintes aspectos (1990, p. 49-50):

a) a notícia expõe o fato no mesmo dia em que ele ocorre ou no dia seguinte; a reportagem mostra como isso se deu;

b) a notícia esgota-se no anúncio; a reportagem desdobra, coloca os pormenores e relata amplamente os fatos;

c) a notícia não vai além da notificação; a reportagem extrapola a mera notificação e apresenta o detalhamento, o questionamento de causa e efeito, a interpretação e o impacto dos fatos;

d) a notícia expõe uma só versão do acontecimento; a reportagem constitui a soma das diferentes versões de um mesmo acontecimento.

Como se observa, a reportagem tem um caráter interpretativo e impactante, e tem compromisso com a verdade. Conforme Bahia, é imprescindível que esse gênero contemple todas as versões de um fato para que “a verdade apurada não seja apenas a verdade que se pensa que é, e sim a verdade que se demonstra e tanto que possível se comprova” (1990, p. 50).

A reportagem apresenta um estilo mais livre do que a notícia. De acordo com Lage, esse gênero varia conforme o veículo de publicação, o público-leitor e o assunto. O autor destaca que na reportagem é possível organizar as informações por ordem decrescente de importância ou também narrar a história como um conto ou fragmento de romance (1987, p. 47). No último caso, os fatos são selecionados e organizados de modo a formar uma história com início, meio e fim, e seguem geralmente uma ordem cronológica.

UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O ENSINO DE LEITURA E PRODUÇÃO DA REPORTAGEM

Uma opção para o ensino de leitura e escrita de gêneros textuais é o trabalho com a *sequência didática*, procedimento sugerido por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Segundo os autores, uma sequência didática constitui um conjunto de atividades escolares planejadas, etapa por etapa, em torno de um gênero textual. As atividades têm como finalidade possibilitar ao aluno escrever ou falar de forma mais apropriada nas variadas situações comunicativas (2004, p. 97). A sequência didática é um instrumento de ensino-aprendizagem que se vale de uma série de atividades interligadas para que o aluno se aproprie de um gênero específico.

A estrutura de base da sequência didática que apresentaremos neste trabalho abrange, segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 98-107), os quatro componentes que seguem.

1) A apresentação da situação: permite aos alunos visualizar o contexto em que deverão interagir e o gênero textual a ser escrito. Objetiva explicitar o projeto coletivo de produção de um gênero a ser desenvolvido. O professor expõe a situação comunicativa na qual os estudantes precisam agir e o problema de comunicação que devem resolver, de modo que fique claro qual o gênero textual a ser abordado, a quem ele se dirige, que forma

assumirá a produção e quem participará dela. É importante preparar os conteúdos dos textos que serão produzidos, de modo que os alunos percebam sua relevância e saibam com quais temas irão trabalhar.

2) A primeira produção: possibilita ao professor efetuar um diagnóstico acerca do que os alunos dominam ou não em relação às características e à estrutura do gênero proposto, bem como quais as informações que eles têm sobre o assunto a ser abordado. Na primeira produção, os alunos mostram para si e para seu professor as representações que possuem da atividade de linguagem proposta.

3) Os módulos: permitem ao aluno apropriar-se do gênero textual focalizado e preparar-se para a produção final. Nos módulos, exploram-se os problemas observados na produção inicial, fornecendo aos estudantes os instrumentos necessários para superá-los. A atividade de produzir um texto é decomposta para que seus diferentes elementos sejam explorados isoladamente.

Cada módulo explora uma habilidade importante para o domínio do gênero. Assim, Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) apresentam as seguintes sugestões:

a) trabalhar problemas de níveis diferentes – a representação da situação comunicativa, a busca, a elaboração ou a criação dos conteúdos, o planejamento do gênero e a realização do texto;

b) variar as atividades e os exercícios – atividades de observação e de análise de textos, e tarefas simplificadas de produção textual;

c) capitalizar as aquisições – registro sintético dos conhecimentos adquiridos sobre o gênero no decorrer dos módulos, sob a forma de lista de constatações, lembrete ou glossário.

4) A produção final: possibilita ao aluno utilizar os conhecimentos sobre o gênero textual adquiridos nas etapas anteriores e as informações coletadas sobre o assunto a ser abordado. Abrange as etapas de revisão e reescrita.

Nessa fase, o aluno coloca em prática as noções e os instrumentos preparados isoladamente nos módulos, e o professor tem a possibilidade de efetuar uma avaliação do trabalho realizado até o momento. A síntese dos conhecimentos sobre o gênero textual, elaborada anteriormente, serve como critério para o professor avaliar a produção escrita. Funciona também como instrumento para o aluno monitorar seu próprio comportamento como produtor do texto, no decorrer da revisão e da reescrita.

Segundo Garcia-Debanc, as operações de revisão de um texto estão intimamente ligadas à leitura crítica. Para a autora, a leitura crítica tem por finalidade marcar as violações do código escrito, como erros de ortografia

ou construções sintáticas mal empregadas; detectar as possíveis incompreensões (contradições, termos inexatos etc.); e avaliar seu texto em relação às finalidades pretendidas (1986, p. 28). O estudante é orientado a revisar continuamente seu texto para verificar sua coerência e, ao mesmo tempo, corrigir inadequações.

A reescrita é uma prática imprescindível, e constitui um importante processo de reconstrução. Ela exige a retomada do texto, a leitura, a análise, a reflexão e a recriação. A cada nova leitura, é possível perceber com mais clareza as operações linguísticas realizadas e as intenções comunicativas do gênero; há um aprimoramento do texto e as eventuais dúvidas são dissipadas. Em relação a isso, Kato afirma que, na interação oral, o falante conta com o interlocutor que o ajuda a construir seu próprio discurso, porém na escritura toda a explicação fica a cargo do redator, que atua também como leitor. Segundo a autora, havendo desencontro, ele reescreverá o texto para ver se há correspondência entre o que escreveu e o que quis dizer (1990, p. 133-134).

No decorrer do processo, pode-se também propor que o aluno leia sua produção final em voz alta. Isso faz com que a escrita se torne um processo comunicativo real, pois há a presença do interlocutor. Essa prática proporciona a desinibição e a autoconfiança do aluno. Segundo Guedes, o texto “é coisa pública, isto é, passível de publicação para leitura e comentário de qualquer leitor” (1994, p. 212). Isso implica que a produção do aluno seja lida, ouvida e comentada pelos colegas.

Finalmente, é possível propor aos alunos a retextualização do gênero. Esta prática busca desenvolver a competência comunicativa dos usuários da língua através do conhecimento e da apropriação dos diferentes gêneros textuais. Segundo Dell’Isola, a retextualização consiste na “reescrita de um texto para outro, ou seja, é um processo de transformação de uma modalidade textual em outra, envolvendo operações específicas de acordo com o funcionamento da linguagem” (2004, p. 36).

Essa atividade de retextualização poderá dar início a uma outra sequência didática, pois o texto produzido será a primeira produção do novo gênero a ser explorado.

A SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Nesta parte, apresenta-se a sequência didática voltada para a leitura e escrita da reportagem, calcada no referencial teórico de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

1) A APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO QUE ENVOLVE A PRODUÇÃO DE UMA REPORTAGEM

Imagine que você trabalha para um jornal local e precisa produzir uma reportagem que aborde um dos assuntos indicados a seguir. Escolha um dos temas para a produção individual desse gênero, considerando que ele será apresentado para os colegas.

- A ingestão de água e a saúde do organismo
- A importância da leitura
- A opção profissional e o mercado de trabalho
- A preservação do meio ambiente
- As consequências do desperdício de água
- As normas disciplinares no ambiente escolar: liberalismo ou linha dura?
- As vantagens da prática do exercício físico
- O padrão de beleza divulgado pela mídia
- Os benefícios de uma alimentação saudável
- Os distúrbios alimentares e sua origem
- As vantagens da prática regular de exercícios físicos
- Direção responsável: o trânsito e o álcool
- Fatos atuais ligados a uma das modalidades esportivas
- Um lugar inesquecível
- *Bullying*: sociedade responsável
- Violência doméstica
- Assédio moral
- Qualidade de vida na terceira idade
- Estresse e trabalho
- Novos olhares para a indisciplina escolar
- Inclusão social

2) A PRIMEIRA PRODUÇÃO DA REPORTAGEM

A partir da situação comunicativa descrita anteriormente e do tema escolhido, produza uma reportagem. Seus colegas serão os interlocutores.

3) OS MÓDULOS

- a) Análise de uma reportagem com mediação do professor

Leia silenciosamente a reportagem que segue. Após, discuta com seus colegas e professor aspectos que julgar pertinentes.

A CIÊNCIA DA DISCÓRDIA

Origem e evolução das espécies ainda são desafios

1 Em 12 de fevereiro de 1809, em Shrewsbury, na Inglaterra, nascia um cientista de ideias polêmicas para sua época, Charles Darwin. Hoje, no bicentenário do seu nascimento, suas teorias sobrevivem como base para a pesquisa científica e ao debate sobre uma das áreas mais controversas da biologia: a origem da vida e a evolução das espécies.

2 Membro da elite britânica, Darwin ingressou aos nove anos na escola de Shrewsbury, onde despertou para o mundo da ciência, colecionando minerais, insetos, ovos de pássaros e ratos. Aos 16, após ter passado um período auxiliando o pai, que era médico, entrou para a faculdade de medicina. Darwin não se adaptou. Passou a participar de grupos de estudo de história natural, aprendeu sobre os animais, geologia e plantas.

3 O desinteresse de Darwin pela medicina levou o pai a matriculá-lo em um curso de artes na universidade de Cambridge. Lá, Darwin cavalgava e capturava insetos, mas não estudava. Mais tarde, ingressou no curso de História Natural e depois Geologia. Aos 22 anos, ele embarcou no *Beagle*, um pequeno navio de exploração científica, como companhia ao capitão Robert FitzRoy. A missão de mapear a costa da América do Sul durou cinco anos, dos quais dois terços Darwin esteve em terra firme. No Brasil, o *Beagle* ancorou em Salvador e no Rio de Janeiro. No seu diário de viagem, Darwin descreveu seu deslumbramento com a Mata Atlântica e sua crítica à escravidão no Brasil. Durante expedição, o jovem cientista coletou material e fez anotações suficientes para alavancar sua carreira como naturalista. Ele estudou diversas características geológicas, fósseis e organismos vivos. Na volta, Darwin já era membro da elite científica.

Os macacos e o pescoço das girafas

4 A expedição no *Beagle* foi laboratório de Darwin para a elaboração de teorias que revolucionariam a ciência. Receoso com o conteúdo polêmico de suas ideias, Darwin estudou em segredo. Em 1838, desenvolveu a teoria da seleção natural, que considera que as características hereditárias favoráveis tornam-se mais comuns em gerações sucessivas, enquanto as desfavoráveis diminuem.

5 A teoria afirma que o surgimento e extinção de espécies acontecem a partir de um ancestral comum. As mutações ocorrem naturalmente e são transmitidas aos descendentes, através de milhares de anos, pela adaptação ao meio e busca pela sobrevivência. As girafas, por exemplo, teriam “esticado” o pescoço, pois em grandes períodos de seca somente

os animais de pescoço mais longo conseguiam alimentar-se na copa das árvores. Em 1859 Darwin publicou seu livro *A Origem das espécies* e em 1871 lançou *A descendência do homem*, detalhando a evolução da espécie humana, que teria surgido de um ancestral comum aos primatas (A CIÊNCIA da discórdia. *Correio Riograndense*, Caxias do Sul, 18 fev. 2009. Sabe-tudo, p. 16).

Algumas conclusões que poderão advir da interação professor-aluno

A ciência da discórdia é uma reportagem do jornal *Correio Riograndense*, publicada na seção *Sabe-tudo*, e não contém assinatura.

O título, *A ciência da discórdia*, anuncia o assunto do texto: a controvérsia em torno de uma questão verídica relativa à investigação científica. Em seguida, apresenta um subtítulo que chama atenção para o tema que será tratado no texto: *Origem e evolução das espécies ainda são desafios*.

O parágrafo inicial da reportagem expõe o resumo da matéria: coloca informações sobre o nascimento de Charles Darwin e destaca a importância de suas teorias para a pesquisa científica, mesmo após duzentos anos de seu nascimento.

O corpo da reportagem, a partir do segundo parágrafo, apresenta informações sobre a trajetória de vida de Darwin e os estudos que realizou. Destaca sua formação em História Natural e Geologia, e informa que, aos 22 anos, ele participou de uma viagem de exploração pela costa da América do Sul, onde coletou material e fez anotações que determinaram sua carreira como naturalista. O texto ressalta também que, em 1838, o cientista desenvolveu a Teoria da Seleção Natural, e mostra sua relevância para a evolução da ciência.

A ideia-síntese da reportagem (último parágrafo) consiste na teoria de que, segundo Darwin, a espécie humana teria surgido de um ancestral comum aos primatas. Observa-se que o assunto é um tema atual, mas não constitui um fato novo.

O gênero ordena as informações segundo uma ordem cronológica, e, para apresentá-las, faz uso da terceira pessoa do singular, a fim de zelar pela impessoalidade e objetividade. A linguagem empregada é comum, objetiva e direta, com um vocabulário usual que aproxima os leitores do texto e garante uma maior apreensão das informações. O tempo verbal predominante é o pretérito perfeito do indicativo, uma vez que faz menção às pesquisas realizadas por Darwin há duzentos anos e sua repercussão no mundo moderno.

b) Atividades com uma reportagem

Pré-leitura

1) Quando você dispõe de uma revista ou jornal, que seção lê primeiro? Geralmente que assunto desperta mais seu interesse? Por quê?

2) Faça uma leitura inspeccional do texto que segue: em que veículo de comunicação a reportagem foi publicada? Em qual seção? De quem é a autoria?

3) O que se pode prever acerca do assunto da reportagem a partir dos elementos *título, subtítulo, seção e data*?

Leitura

1) Leia silenciosamente a reportagem e, após, acompanhe a leitura em voz alta de seu professor.

GUERRA AO AÇÚCAR

Alvo principal é o refrigerante, que tem elevada taxa da substância

Há bastante tempo, o açúcar figura no *ranking* dos inimigos da saúde. Agora, porém, a guerra fica mais acirrada. Especialistas em nutrição e saúde começam a tratar a substância com o mesmo rigor dispensado ao tabaco. Nesta briga, o alvo número um é o refrigerante, graças aos índices generosos de açúcar contidos em cada latinha e ao aumento do consumo da bebida em todo o mundo.

Uma lata de refrigerante tem, em geral, 150 calorias, o equivalente a dez colheres (chá) de açúcar. Nos Estados Unidos, o cerco já começa a se fechar. Em artigo publicado no *New England Journal of Medicine*, renomados especialistas defendem a adoção de uma fórmula de refrigerante menos prejudicial à saúde.

Segundo o artigo, um adulto que bebe diariamente uma lata de refrigerante com 150 calorias pode engordar quase sete quilos em um ano. O professor Walter Willet, chefe do departamento de nutrição da escola de saúde pública de Harvard, propõe que cada latinha contenha, no máximo, 50 calorias.

Pela primeira vez na história, a *American Heart Association*, entidade dos cardiologistas norte-americanos, divulgou limites específicos para o consumo de calorias provenientes do açúcar. As mulheres não devem ingerir mais do que 100 calorias de açúcar por dia, o correspondente a seis colheres (chá). Para os homens, o limite é de 150 calorias diárias, ou dez colheres.

O açúcar, em suas várias formas, é o grande promotor da obesidade, mas seus elevados índices no organismo podem ser associados a uma ampla quantidade de doenças degenerativas, incluindo ataque cardíaco, derrame

cerebral e diabetes. Claro que se reconhece que o açúcar não é, sozinho, o responsável pelo aumento da obesidade em todo o mundo. A proliferação dos lanches tipo *fast-food*, o sedentarismo, o gosto pelas gorduras e outros fatores, inclusive hereditários, também têm sua parcela de culpa. Porém, o açúcar tem papel central na pandemia do sobrepeso e o refrigerante é o seu veículo mais popular.

Além do elevado consumo, o refrigerante é o alvo principal porque pesquisas provam que a ingestão de calorias em forma líquida pode ser mais prejudicial à saúde que a de calorias vindas de alimentos sólidos. Por motivos ainda desconhecidos, a caloria líquida retarda a sensação de saciedade, o que leva a comer mais – ao contrário da sólida.

O consumo de bebidas açucaradas está caindo, mas ainda é alto. Enquanto isso, a venda das versões *diet* e zero começa a crescer, em média 3% ao ano. De qualquer modo, o Ocidente é grande apreciador de açúcar, que está presente em uma infinidade de alimentos industrializados, dos quais nem desconfiamos, como a massa de tomate, por exemplo. Para o funcionamento do organismo, o açúcar que se adiciona a comidas e bebidas é desnecessário, basta o encontrado naturalmente nos alimentos. (GUERRA ao açúcar. *Correio Riograndense*, Caxias do Sul, 24 fev. 2010. Saúde, p. 9).

Estudo do texto

Resolva as questões que seguem.

- 1) Para que público se dirige esta reportagem?
- 2) A reportagem foi publicada na seção *Saúde*, do jornal *Correio Riograndense*. Faça um levantamento das palavras ou expressões que aparecem no texto diretamente vinculadas ao tema dessa seção.
- 3) Qual a ideia-síntese da reportagem?
- 4) Por que o açúcar vem sendo tratado pelos especialistas com o mesmo rigor do tabaco?
- 5) Segundo a reportagem, o consumo de calorias oriundas de alimentos sólidos causa menos malefícios à saúde que a ingestão de calorias em forma líquida. Justifique essa afirmação com base no texto.
- 6) Qual foi a saída encontrada pelos especialistas norte-americanos em relação ao consumo de refrigerantes? Por que propuseram isso?
- 7) Na reportagem, o jornalista faz uso de citações indiretas, além da própria voz, para mencionar autoridades no assunto. Localize três citações indiretas e diga no que elas contribuem para a consistência do texto.
- 8) Uma das características da reportagem é apresentar pelo menos duas perspectivas: uma pró e outra contra. No texto em análise, isso ocorre? Justifique sua resposta.
- 9) Qual o tempo verbal predominante na reportagem? Explique por que ele foi empregado.

10) Qual a pessoa do discurso usada na reportagem? Corrobore sua resposta com elementos do texto.

11) Assinale a única alternativa correta no que se refere ao gênero textual reportagem.

- a) () A reportagem visa apenas à informação.
- b) () A reportagem visa somente ao comentário.
- c) () A reportagem visa à informação e ao comentário.
- d) () Nenhuma das alternativas anteriores está correta.

12) Observe a linguagem usada na reportagem em análise. Aponte o item que melhor a caracteriza.

- a) () Familiar, com certa incorreção.
- b) () Cuidada, com vocabulário e sintaxe elaborados.
- c) () Comum, com vocabulário e sintaxe simples, acessíveis ao leitor.
- d) () Popular, com gírias e clichês.

a) Sistematização dos conhecimentos sobre a reportage

Organize um esquema com suas conclusões sobre as características e a estrutura do gênero textual reportagem.

d) Pesquisa e elaboração de conteúdos para a produção do gênero

Releia a reportagem que você produziu anteriormente e pesquise nos diversos meios de comunicação mais informações sobre o assunto abordado. Você pode também entrevistar pessoas ligadas ao tema eleito, a fim de obter opiniões que subsidiem a produção final.

b) O planejamento da reportage

Elabore um plano-guia, organizando as ideias que nortearão a produção da reportagem. Atente para o tema escolhido, o objetivo e o interlocutor que almeja atingir com seu texto.

4) A PRODUÇÃO FINAL

Retome a proposta de produção de uma reportagem e, com base nos estudos e pesquisas efetuados, realize a produção final, levando em conta o plano-guia que você organizou anteriormente. Caso julgue conveniente, desconsidere a primeira produção e escreva um texto totalmente novo.

a) A revisão e a reescrita

Reescreva sua reportagem a partir das observações de seu professor e das inadequações que você mesmo percebeu na revisão do texto. Procure efetuar todas as melhorias necessárias.

b) Leitura em voz alta da reportagem

Leia para seus colegas a reportagem que você produziu. Para a apresentação do texto, você pode utilizar recursos audiovisuais, como *slides*, cartazes, lâminas e vídeos.

c) Retextualização do gênero

Releia a reportagem *Guerra ao açúcar* e pesquise sobre os efeitos do açúcar no organismo. A partir da pesquisa, produza um texto explicativo que responda às perguntas: Por que o açúcar natural encontrado nos alimentos é suficiente para o bom funcionamento do organismo? Por que o açúcar adicionado a comidas e bebidas é desnecessário?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa prática docente, a partir do trabalho com gêneros textuais, observa-se um sensível progresso na leitura e escrita dos alunos. Constatase uma melhora geral na ortografia e sintaxe, na estruturação das ideias, no uso da linguagem adequada à situação comunicativa, na observância do gênero solicitado, entre outros aspectos.

O trabalho com a reportagem nas aulas de Língua Portuguesa é significativo, pois esse gênero textual faz parte do contexto comunicativo dos alunos, e sua exploração pode ampliar as competências de leitura e escrita dos educandos. Porém, para um fazer pedagógico eficiente, é necessário o engajamento do professor e um real conhecimento do gênero e de sua função.

Espera-se, com essa proposta pedagógica, contribuir com os estudos na área da linguagem e, sobretudo, disponibilizar subsídios teórico-práticos voltados à leitura e à escrita de gêneros textuais, especialmente da reportagem.

REFERÊNCIAS

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: as técnicas do jornalismo*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990. v. 2.

- BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- DELLISOLA, Regina Lúcia Péret. *Retextualização de gêneros escritos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.
- GARCIA-DEBANC, Claudine. Intérêts des modèles du processus rédactionnel pour une pédagogie de l'écriture. *Pratiques* 49, p. 23-49, mars 1986.
- GUEDES, Paulo Coimbra. *Ensinar português é ensinar a escrever literatura brasileira*. 1994. 598 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- KATO, Mary A. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- KAUFMAN, Ana Maria; RODRÍGUEZ, Maria Elena. Trad. Inajara Rodrigues. *Escola, leitura e produção de textos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Ática, 1987.
- PETITJEAN, André. Maîtrise de l'écrit 6e: Um manuel pour apprendre à écrire au collège. *Pratiques* 82, p. 7-19, juin 1994.